

Planalto insiste no Senado

O presidente Fernando Collor continua certo de que poderá, nos próximos 2 meses, conquistar apoio dentro do bloco governista de senadores para garantir, além da sustentação parlamentar, a eleição de um presidente do Senado que não seja do PMDB, o que quebra a tradição da Casa e da República. Ao fazer essa revelação, ontem, o líder do governo, senador Ney Maranhão (PRN/PE), explicou que essa é a situação ideal para o Executivo controlar a Mesa, mas não sabe se reverterá a forte oposição que encontra a ela no plenário.

Maranhão, que era contra essa idéia, mas acabou vencido numa reunião com o PFL, o PTB e o Presidente da República, realizada há alguns dias na casa do senador Jorge Bornhausen, disse que, embora discorde, acompanha e trabalha para eliminar as resistências. Todavia, não quis fazer previsão a respeito da possibilidade de a tese sair vencedora dentro do próprio grupo governista. Ontem, completou, o candidato mais forte a presidente é Mauro Benevides (PMDB/CE), mas ele não pode se considerar eleito com um pleito marcado para daqui a 2 meses.

Benevides

O líder, também, não pretende responder ao discurso do líder do PMDB, Ronan Tito (MG), que há dois dias anunciou que seu partido paralisará o Senado, junto com outras legendas de oposição, caso o governo continue querendo quebrar a tradição de entregar a presidência do Senado ao partido com maior bancada. Maranhão foi taxativo: "quem vai responder ao discurso é Marco Maciel (líder do

PFL), ou Affonso Camargo (líder do PTB) ou o senador Jorge Bornhausen (PFL/SC), que são os pais dessa idéia. Eu não, porque discordei, fui vencido e agora cabe-me acompanhar o governo e apenas trabalhar pelo bloco".

O senador confirmou que o Presidente da República conta realmente com 40 senadores no plenário e manterá o mesmo número em 91, na nova legislatura. Eles, disse, dão apoio fechado ao governo, "mas isso não quer dizer apoio para alterar a tradição na composição da Mesa". Segundo Maranhão, essa é uma visão do atual momento, que, contudo poderá mudar no decorrer dos próximos meses. A eleição da nova diretoria será dia 2 de fevereiro.

Na sua opinião, para tentar inverter a tradição, o governo precisaria ir para a eleição com os votos garantidos de pelo menos seis senadores. Maranhão não sabe se isso será possível: "eu sou suspeito para falar de bloco, porque tinha posição diferente. Mas sigo a avaliação do Presidente porque ele é homem de articulação política e tem minha confiança".

O líder governista contou que já revelou em detalhes sua opinião ao Presidente da República. Admite que para bloco de sustentação parlamentar contaria com até 50 senadores, que na próxima legislatura "serão até mais dóceis do que os atuais". Acha, também, que o ideal seria o bloco controlar a mesa, mas não sabe se chegará lá: "estes votos estão fechados com o Presidente, mas não sei se contaremos com eles para tirar a mesa do PMDB", concluiu.